

Propriedades morfossemânticas do duplo diminutivo no português: uma análise em Morfologia Relacional

Morphosemantic properties of the double diminutive in Portuguese: an analysis in Relational Morphology

Pablo Nunes Ribeiro¹, Rafaella Machado da Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO

Este artigo investiga o comportamento morfossemântico de palavras com duplo diminutivo no português, como *chuvinhazinha*, *amarelinhozinho* e *pitadinhazinha*. O objetivo principal é determinar se o segundo diminutivo (DIM2) meramente intensifica o valor semântico do primeiro diminutivo (DIM1) ou se, em determinados contextos, introduz novos valores semânticos. A pesquisa utiliza os *corpora* eletrônicos do *Corpus do Português*, *NOW* e *Web/Dialects*, para analisar as ocorrências desses diminutivos em contextos reais de uso. Os resultados revelam que o duplo diminutivo pode intensificar o valor de DIM1 e, em alguns casos, adicionar um novo valor semântico, como afetividade, precisão e depreciação. Palavras que denotam dimensão reduzida na base, como *pitadinhazinha*, exibem intensificação progressiva em ambos os diminutivos. Para capturar essas propriedades morfossemânticas, o estudo propõe esquemas para a representação do duplo diminutivo, fundamentados na Morfologia Relacional (Jackendoff; Audring, 2020), permitindo uma descrição detalhada das propriedades semântico-pragmáticas emergentes dessas formações em seus contextos particulares de uso.

PALAVRAS-CHAVE:

Duplo diminutivo. Morfossemântica. Linguística de *corpus*. Morfologia Relacional. Sufixação avaliativa.

ABSTRACT

This paper investigates the morphosemantic behavior of words with double diminutives in Portuguese, such as *chuvinhazinha*, *amarelinhozinho* and *pitadinhazinha*. The main goal is to determine whether the second diminutive (DIM2) merely intensifies the semantic value of the first diminutive (DIM1) or if, in certain contexts, it introduces new semantic values. The research utilizes

Recebido em: 04/08/2024

Aceito em: 12/12/2024

¹ E-mail: pablonribeiro@yahoo.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9718-6184>

² E-mail: rafaella.machadosv@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4788-906X>

the electronic corpora from *Corpus do Português*, *NOW* and *Web/Dialects*, to analyze occurrences of these diminutives in real usage contexts. The results reveal that the double diminutive can intensify the value of DIM1 and, in some cases, add a new semantic value, such as affectivity, precision and depreciation. Words that denote reduced dimension in the base, such as *pitadinhazinha*, show progressive intensification in both diminutives. To capture these morphosemantic properties, the study proposes schemes for the morphosemantic representation of the double diminutive, based on the principles of Relational Morphology (Jackendoff & Audring, 2020), allowing for detailed description of the emerging semantic-pragmatic properties of these formations in their particular contexts of use.

KEYWORDS:

Double diminutives. Morphosemantics. *Corpus* linguistics. Relational Morphology. Evaluative suffixation.

1. Introdução

No âmbito dos processos de formação de palavras no português, os afixos modificadores, em particular os sufixos avaliativos, apresentam notável produtividade. Villalva (1994, p. 268) enfatiza a significância desses elementos morfológicos, os quais atribuem às palavras um valor semântico variável, abrangendo desde expressões de afeto e valorização até formas de depreciação. Tais sufixos avaliativos, que englobam categorias como diminutivos (ex. *-(z)inho*), aumentativos (ex. *-(z)ão*), pejorativos (ex. *-eco*) e valorativos, desempenham um papel crucial na modificação das estruturas semânticas das palavras:

- (1) a. Que saudades da minha *casinha*.
- b. Comprei um *casacão* para usar no inverno.
- c. Não confio nas notícias desse *jornaleco*.
- d. Assistimos a um *filmaço* ontem à noite.

A distinção entre esses sufixos e os sufixos derivacionais, nos termos da autora, reside na capacidade de os sufixos modificadores de alterarem a interpretação semântica das bases às quais se associam, sem, contudo, determinar a classe lexical destas (ex. *casa*_N → *casinha*_{N DIM}). Um fato relevante destacado por Villalva (1994, p. 259) envolve a possibilidade de co-ocorrência de sufixos avaliativos em posições adjacentes. Um fenômeno morfológico particular relacionado a esse contexto é o duplo diminutivo, que surge em virtude da possibilidade de iteração de sufixos diminutivos em uma mesma palavra:

- (2) a. Pena que foi uma *chuvinhazinha* mínima... esperamos pela chuva prometida pra hoje!
- b. *chuva*_N → *chuv[inha]*_{N DIM} → *chuv[inha]*_{N DIM1} [*zinha*]_{N DIM2}

- (3) a. Ele perdia tempo entre um processozinho fajuto em Moscou e um *filminhozinho* de caubói.
b. filme_N → film[*inho*]_{N DIM} → film[*inho*]_{N DIM1} [*zinho*]_{N DIM2}

Examinemos os exemplos em (2) e (3)³. Do ponto de vista semântico, no caso de *chuvinhazinha* em (2a), a modificação com o primeiro diminutivo já indica uma forma reduzida de chuva, enquanto a inserção do segundo diminutivo é utilizada neste contexto para intensificar a ideia de uma chuva muito leve ou fraca. No exemplo de *filminhozinho* em (3a), ao analisar tanto a modificação do primeiro quanto do segundo diminutivo, observa-se que a noção semântica envolvida nessa ocorrência não se relaciona com dimensão reduzida ou pequenez, sentidos básicos do diminutivo. Pelo contexto, no qual se menciona “um *filminhozinho* de caubói”, o sentido atribuído ao primeiro diminutivo *-inho* parece ser de avaliação negativa e pejorativa ao tipo de filme referido no enunciado. Por conseguinte, a adição do segundo diminutivo *-zinho* intensifica o valor semântico determinado pelo DIM1.

Considerando o escopo das investigações sobre os sufixos avaliativos, este artigo tem como objetivo examinar se o segundo sufixo diminutivo (DIM2) em construções com duplo diminutivo teria meramente a função de intensificar a modificação semântica do primeiro diminutivo (DIM1) ou se, em determinados contextos, surgiriam valores semânticos específicos a partir da interação entre os dois diminutivos. Além disso, investigamos como essa formação se manifesta em palavras que já denotam dimensões reduzidas, explorando a conservação da dimensão inicial denotada pela base e a possibilidade de um novo valor semântico ser adicionado e intensificado por DIM2.

Nossa análise também considera que o sufixo diminutivo possui sentido avaliativo, expressando uma ideia subjetiva que, além do sentido convencional de dimensão do elemento referido, pode variar entre afetividade, intensificação, atenuação e pejoratividade, além de trazer uma avaliação que pode ser tanto negativa quanto positiva. Dependendo do contexto, palavras com duplo diminutivo, assim como observado nos estudos sobre a sufixação avaliativa de um único diminutivo, podem adquirir diferentes significados — p. ex., *filminhozinho* em (3a) pode ser interpretado de maneira positiva, afetiva ou pejorativa, dependendo da percepção de valor ou apreço pelo *filme*.

A fim de alcançar os objetivos da pesquisa, foi realizada uma análise morfossemântica da sufixação com o duplo diminutivo fundamentada em dados coletados no *Web Dialects/Corpus do*

³ As frases foram extraídas do *Corpus do Português: Web/Dialects* (Davies, 2016).

Português (Davis, 2016) e no *NOW/Corpus do Português* (Davies, 2018). Assim como ocorre nas construções com diminutivos simples, a pesquisa de *corpus* mostrou que as construções com duplo diminutivo também são produtivas com diferentes classes gramaticais. Por exemplo, além das ocorrências com bases nominais, observou-se o duplo diminutivo em adjetivos (ex. *miúda* → *miudinhazinha*) e pronomes (ex. *eu* → *euzinhazinha*). A extensão desses processos morfológicos sugere que formações como *chuvinhazinha* ou *euzinhazinha* são possíveis no português porque os falantes são capazes de identificar a estrutura interna dessas palavras e criar novas formações aplicando de maneira recursiva a modificação com o diminutivo (cf. Basílio, 1980). A análise dos dados de *corpora* sugere que essa recursividade, conforme a hipótese inicial, permite tanto a intensificação da modificação semântica promovida pelo primeiro diminutivo quanto o surgimento de novos valores semânticos particulares em determinados contextos.

O presente artigo se organiza da seguinte maneira. A seção 2.1 aborda as propriedades morfossemânticas dos diminutivos, destacando as contribuições da literatura especializada acerca das construções com diminutivo e duplo diminutivo. Na seção 2.2, são apresentados alguns conceitos fundamentais da Morfologia Relacional, com ênfase na função dos esquemas na representação das estruturas morfológicas. A seção 3 detalha os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa empírica de coleta de dados em *corpora*. Por sua vez, a seção 4 é dedicada à discussão dos dados coletados, examinando a produtividade, os padrões de combinação na formação do duplo diminutivo e os aspectos morfossemânticos dessas construções. Na seção 5, propõe-se uma análise baseada nos esquemas da Morfologia Relacional para a representação das propriedades morfossemânticas do duplo diminutivo no português. Por fim, o artigo é concluído com algumas considerações finais.

2. Aspectos morfossemânticos dos diminutivos: contribuições teóricas

2.1 A morfossemântica das construções com diminutivo

Os diminutivos na literatura são comumente definidos como sufixos que indicam uma diminuição na dimensão física ou concreta do referente, conforme descrito por Basílio (2022). Além de denotarem tamanho pequeno, podem carregar uma conotação avaliativa. Esses sufixos desempenham múltiplas funções em um enunciado, incluindo funções expressivas e denotativas,

podendo também marcar afetividade e atenuação.

Bazenga (2012) aponta a natureza subjetiva do diminutivo ao introduzir um juízo de valor em contraste com o fato referencial. Em particular, a análise de Bazenga se concentra na ironia associada aos diminutivos. A autora enfatiza que o funcionamento morfo-semântico-pragmático dos sufixos diminutivos, quando usados com valor irônico, depende de uma interação colaborativa entre locutor, interlocutor e um conhecimento partilhado, influenciando o significado no contexto da comunicação. Um exemplo desse funcionamento pode ser observado na frase abaixo:

(4) Você viu o *carrinho* dele? Deve ter sido uma fortuna.

Nessa frase, o diminutivo em *carrinho* é utilizado ironicamente para descrever um carro que, embora possa ser de grande tamanho ou muito caro, é apresentado de forma a contrastar com o que o diminutivo geralmente indicaria – um carro pequeno ou de baixo valor. A ironia reside na trivialização implícita pelo diminutivo frente à real grandeza ou custo do carro. Portanto, o exemplo demonstra como o conhecimento compartilhado entre o locutor e o interlocutor, além de considerar o contexto particular de sua utilização, produz a interpretação do diminutivo, possibilitando uma análise semântico-pragmática.

Rio-Torto (2022) também se dedica a um estudo de natureza semântico-pragmática, destacando como esses domínios interagem de forma permeável. Ela sugere que o significado de uma construção linguística frequentemente se funde com a intenção dos falantes ao utilizá-la. O sufixo *-inho*, por exemplo, marca a subjetividade do enunciador e sua atitude em relação ao interlocutor. Nas palavras de Rio-Torto (2022, p. 46), “codificador subjetivo, atitudinal e ilocutório, são, pois, traços distintivos de *-inho*, no seu uso comum da língua portuguesa contemporânea, nas suas diferentes latitudes”.

Partindo das análises semânticas referentes à formação do diminutivo no português, é relevante destacar o estudo abrangente de Jurafsky (1996) sobre as tendências universais na semântica desse fenômeno. O autor investigou o comportamento sincrônico e diacrônico do diminutivo em diversas línguas, apresentando um modelo radial que evidencia uma estrutura polissêmica para os diferentes usos do diminutivo. Esse modelo parte do princípio da unidirecionalidade, conforme explicado por Jurafsky (1996, p. 543), que descreve em dois novos

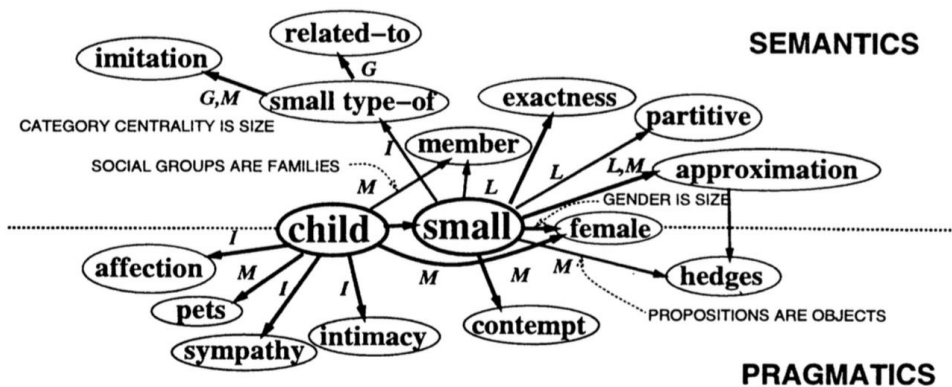
modos:

TENDÊNCIA UNIDIRECIONAL: Predicados de primeira ordem dão origem a predicados de segunda ordem.

TENDÊNCIA UNIDIRECIONAL: ‘criança’ dá origem a ‘diminutivo’: Diminutivos surgem a partir de ligações semânticas ou pragmáticas com crianças (JURAFSKY, 1996, p. 545, tradução nossa).⁴

Em sua representação gráfica, o modelo radial “consiste em um sentido central de protótipo juntamente com extensões conceituais, representadas por uma rede de nós e ligações. Os nós representam protótipos de sentidos, enquanto as ligações representam extensões metafóricas, transferência esquemática de imagens, transferências para diferentes domínios ou inferências” (Jurafsky, 1996, p. 542, tradução nossa).⁵ Analisa-se o esquema proposto por Jurafsky abaixo:

Figura 1 – Estrutura universal proposta para a semântica do diminutivo



Fonte: Jurafsky (1996, p. 542)

Nessa proposta, o diminutivo tem seu sentido primitivo em *child* (“criança”) passando, em seguida, ao sentido de *small* (“pequeno”). Os outros sentidos, representados por metáfora (M), inferência (I), generalização (G) e *lambda-abstraction* (L)⁶, são derivações dos sentidos primitivos. Entretanto,

⁴ Trecho original: UNIDIRECTIONAL TENDENCY: First order predicates give rise to second order predicates

UNIDIRECTIONAL TENDENCY: ‘child’ gives rise to ‘diminutive’: Diminutives arise from semantic or pragmatic links with children.

⁵ Trecho original: “consists of a central sense of prototype together with conceptual extensions, represented by a network of nodes and links. Nodes represent prototypes of senses, while links represent metaphorical extensions, image schematic transfer, transfers to different domains, or inferences”.

⁶ Em Rio-Torto (2022), a autora traduz para *lambda-especificação*, ou re-especificação. O *lambda-abstraction* é um mecanismo de alteração semântica proposto por Jurafsky (1996) para dar conta do significado quantificacional e dos predicados de segunda ordem em diminutivos.

conforme discutido por Rio-Torto (2022), há percepções não unívocas em relação ao funcionamento do diminutivo neste esquema. Concordamos com a autora quando ela afirma que “do mesmo modo que PEQUENO pode estar associado a DESPREZO, também pode estar associado AFETO e COMPAIXÃO, que não estão apenas correlacionados com CRIANÇA” (p. 34). A perspectiva apresentada por Rio-Torto (2022) sugere uma multiplicidade de associações semânticas possíveis para o diminutivo, indo além da relação direta com *child*. Nesse contexto, ao analisarmos a aplicação do esquema na língua portuguesa, percebe-se a necessidade de reconsiderar a característica unidirecional proposta por Jurafsky (1996).

Com base nessas considerações, há casos em que o valor da sufixação do diminutivo está diretamente relacionado ao tamanho, antes mesmo de associar-se à ideia de “criança”. Esse efeito ocorre em palavras nas quais o valor de pequenez já está incorporado, fazendo com que o diminutivo intensifique esse sentido primário. Quando tratamos do uso do duplo diminutivo, percebemos uma complexidade ainda maior nas associações semânticas, sobrepujando as limitações de uma análise unidirecional. Vejamos os seguintes exemplos de palavras com emprego do duplo diminutivo encontrados no *Corpus Web/Dialects* (Davies, 2016) e adaptados ao contexto:

(5) O macarrão precisa de mais uma *pitadinhazinha* de sal.

(6) A vacina é uma *picadinhazinha*.

Ao analisar os exemplos acima, observamos a ideia de dimensão reduzida incorporada na base das palavras *pitada* e *picada*, respectivamente. Nessas instâncias, o duplo diminutivo intensifica esse sentido inerente. Observa-se, no entanto, que essas construções não derivam obrigatoriamente da ideia de “criança”, como frequentemente se associa ao diminutivo; ao contrário, funcionam como intensificadores que agregam mais uma camada de significado ao que é considerado prototipicamente pequeno.

Dressler e Barbaresi (1994) apresentam uma perspectiva alternativa à de Jurafsky (1996) sobre a formação dos diminutivos, sugerindo o traço morfopragmático [não-sério] como uma característica central do diminutivo. Segundo os autores, ao incorporar esse traço, o falante reduz sua responsabilidade em relação ao ato de fala, resultando em um compromisso menor com a força ilocucionária do discurso. Essa abordagem sugere uma relação metafórica entre o traço morfopragmático [não-sério] e o traço morfossemântico de [não-importante], relacionado à denotação morfossemântica de [pequeno], em que o tamanho físico reduzido das palavras reflete

uma falta de importância ou seriedade na comunicação.

Apesar de Jurafsky (1996) enfatizar o traço [criança] e Dressler e Barbaresi (1994) o traço [não-sério], ambos simplificam a complexidade inerente dos diminutivos ao fornecerem um único determinante semântico na sufixação avaliativa. Uma análise mais extensa deve considerar múltiplos traços e contextos de uso. Além disso, a aplicação do traço [criança] no português é problemática, pois não há evidências diacrônicas ou sincrônicas que sustentem essa origem para, por exemplo, o uso afetivo dos diminutivos. A inferência de afetividade nos diminutivos em português, que no modelo radial de Jurafsky (1996) derivaria de um sentido relacionado a criança, não segue essa perspectiva diacrônica.

No estudo da formação morfológica dos diminutivos, Basilio (2022) discorre sobre a alternância entre os sufixos diminutivos *-inho* e *-zinho*, destacando sua utilização condicional. O sufixo *-zinho* é utilizado quando a forma base termina em consoante, ditongo ou vogal acentuada, conforme exemplificado em formações como:

(7) paizinho, mãezinha, florzinha, lençolzinho, tatuzinho. (Basilio, 2022, p. 71)

Além disso, a autora aborda a complementaridade parcial na ocorrência de *-inho* e *-zinho*. Consoante Basílio (2022), “*-zinho* é utilizado em ambientes fonológicos em que *-inho* não é usado” (p. 71). Enquanto o sufixo *-inho* se anexa plenamente à estrutura fonológica do elemento base, a introdução de *-zinho* preserva a acentuação tônica da palavra base. Essa distinção é notável nos seguintes exemplos:

(8) pálida – palidazinha; pá – pazinha; tatu – tatuzinho; túnel – tunelzinho. (Basilio, 2022, p. 72)

Sobre a questão de o diminutivo ser um caso de alomorfia ou não, Lee (2013) conclui que os sufixos *-inho* e *-zinho* não operam como alomorfes. O autor observa que “os não verbos do PB podem receber tanto o diminutivo *-inho* quanto o diminutivo *-zinho*, independentemente das terminações da palavra e do acento na sua base” (p. 115). Essa visão diverge das interpretações de Bisol (2010) e Menuzzi (1993), que consideram *-inho* e *-zinho* como alomorfes de um mesmo morfema diminutivo. Menuzzi (1993) argumenta que *-zinho* preserva a estrutura morfológica da base, enquanto *-inho* atua em uma posição derivacional semelhante a outros sufixos, ambos com propriedades prosódicas claras. Por outro lado, Bisol (2010), com base na Teoria da Otimidade,

propõe que há apenas um morfema diminutivo, *-inho*. Nessa perspectiva, a variação para *-zinho* ocorre pela inserção de uma consoante epentética, /z/, para atender exigências estruturais, tais como a evitação do hiato, a fidelidade aos traços do *input*, a preservação da estrutura silábica da base, a preservação do acento marcado e a correspondência com o *output*. Segundo Bisol (2010), o que constitui a base do diminutivo é o nominal temático ou aтемático. Neste artigo, adotamos a conclusão de Menuzzi (1993) de que os diminutivos *-inho* e *-zinho* são alomorfes de um mesmo morfema. Essa escolha se baseia na compreensão de que ambos os sufixos estão ligados a um único morfema diminutivo, o qual se anexa a uma palavra base, não a um radical, conforme defendido pelo autor. Menuzzi (1993) sustenta que a variação entre *-inho* e *-zinho* está relacionada à presença ou ausência de vogal temática na palavra base: palavras que apresentam vogal temática, como exemplificado por (*casa, casinha*) e (*muro, murinho*), selecionam o alomorfe *-inho*. Em compensação, palavras sem vogal temática, exemplificadas por (*pomar, pomarzinho*) e (*funil, funilzinho*), tendem a utilizar o alomorfe *-zinho*.

2.2 A morfossemântica das construções com duplo diminutivo

No que diz respeito às formações com duplo diminutivo discutidas na literatura, a análise das recursividades morfológicas, tanto baseada em palavras quanto em raízes, é fundamental para entendermos os diminutivos em línguas como o italiano, conforme apontado por Dressler e Barbaresi (1994). No processo de reduplicação de palavras, observa-se o reforço do significado da palavra base, como nos exemplos de *giovane giovane* (jovem jovem), *bello bello* (bom bom), nos quais a semântica da base pode ser intensificada através de sua repetição, tornando sua qualidade graduável (Dressler; Barbaresi, 1994, p. 515). Em relação à formação de diminutivos recursivos baseada em palavras, exemplificada por *cort-ino-ino-ino*, *legger-ino-ino-ino*, *giovan-ino-ino-ino*, que respectivamente possuem as bases *corto* (curto), *leggero* (leve) e *giovane* (jovem), é importante destacar que esse processo envolve uma intensificação da pequenez em relação às respectivas bases (sejam *corto* ou *cort-ino*). Conforme observado por Dressler e Barbaresi (1994, p. 118), a formação diminutiva recursiva baseada em palavras é exclusivamente semântica, enquanto a formação diminutiva baseada em raiz pode apresentar tanto uma dimensão semântica quanto pragmática. No caso da formação de diminutivos como *piccolino*, o significado pode não estar relacionado à denotação de dimensão reduzida, mas sim a uma noção pragmática de mitigação ou atenuação de

aspectos negativos da pequenez.

Manova e Winternitz (2011) expandem essa discussão ao investigar a ordem do duplo e múltiplo diminutivo com dados do polonês e do búlgaro. As autoras observam que o fenômeno do múltiplo diminutivo é particularmente aparente no búlgaro, enquanto o duplo diminutivo é observado tanto no polonês quanto no búlgaro. Adicionalmente, elas destacam que os diminutivos desempenham o papel de desencadeadores do significado semântico de *smallness* (pequenez) e, ao tratar de duplos e múltiplos diminutivos, há uma progressão do sentido de pequeno ao sentido muito pequeno, reduzindo, a princípio, o sentido da palavra base. Manova e Winternitz (2011) propõem, então, uma estrutura de cadeia diminutiva múltipla, que se inicia com um substantivo básico e progride através de graus marcados por DIM1, DIM2 e DIM3. Destaca-se aqui que, nessas línguas, todos os sufixos diminutivos estudados pelas autoras servem, primeiramente, para expressar a semântica de pequenez.

No polonês, vejamos o exemplo da palavra *dom* (casa). Para DIM1, temos *dom-ek* (casinha); no DIM2, o substantivo com dois sufixos diminutivos resulta em *dom-ecz-ek* (casinhazinha) (Manova; Winternitz, 2011, p. 124). Ainda, nessa língua, há regras fonológicas que organizam os sufixos, e estas também se aplicam à formação de um duplo diminutivo. Por exemplo, substantivos com o diminutivo primário terminado em consoante, isto é, em *-ik/-yk* e *-ek*, selecionam para o DIM2 o sufixo *-ek*. Além do sufixo *-ek*, outros dois sufixos são considerados produtivos na formação de DIM2: *-ka* e *-ko*. Esses sufixos são acrescentados à formação de DIM1 que possuem esses mesmos sufixos em sua formação, como em *ram* (quadro) → *ram-ka* DIM1 (quadrinho) → *ram-ecz-ka* DIM2 (quadrinhozinho) e *sito* (peneira) → *sit-ko* DIM1 (peneirinha) → *sit-ecz-ko* DIM2 (peneirinhazinha) (Manova, Winternitz, 2011, p. 125).

No búlgaro, temos casos de um terceiro diminutivo. Embora estruturalmente possível, a formação de um terceiro diminutivo (DIM3) no polonês não é considerada natural para os falantes, o que faz com que seu uso seja pouco frequente. Para a formação do DIM3 no búlgaro, é requerida a repetição de morfemas idênticos entre DIM2 e DIM3. Por exemplo, a palavra *bluza* (blusa) recebe o sufixo *-ka* para o primeiro diminutivo, resultando em *bluz-ka*. O segundo diminutivo é formado com o sufixo *-ica*, formando *bluz-č-ica*. Para o terceiro diminutivo, repete-se o sufixo *-ica*, gerando *bluz-č-ič-ica* (Manova; Winternitz, 2011, p. 130).⁷

Ademais, as autoras investigaram restrições na ordenação do duplo e múltiplo diminutivos

⁷ Embora os sufixos diminutivos no polonês, como *-ek* e *-ecz*, e no búlgaro, como *-ka* e *-ica*, possam apresentar diferenças

em diversos níveis, além do fonológico, incluindo o morfológico, semântico e psicolinguístico. Manova e Winternitz (2011) analisam a estrutura dos diminutivos na seguinte forma: BASE-SUFIXO DERIVACIONAL-SUFIXO FLEXIONAL. Um sufixo diminutivo está sempre na posição derivacional do substantivo. Nos duplos diminutivos, dois sufixos diminutivos ocupam essa posição. Por exemplo, no polonês, *kwiat* (flor) se torna *kwiat-ek* (florzinha) com o primeiro diminutivo e *kwiat-eč-ek* (florzinhazinha) com o segundo diminutivo, com a palatalização de *k* para *č* no segundo sufixo (Manova; Winternitz, 2011, p. 120).

Outro trabalho que explora a formação de diminutivos envolvendo múltiplos sufixos em uma palavra é o de Gorzycka (2020), que foca especificamente na construção de diminutivos em inglês, sob a perspectiva da Morfologia Construcional. Essa abordagem sugere que, ao invés de uma aplicação sequencial de sufixos, ocorre uma unificação de esquemas de formação de palavras, permitindo a criação de estruturas complexas a partir de padrões linguísticos pré-existentes. Por meio dessa unificação, sufixos como *-er* e *-s* podem ser combinados para formar palavras como *patters* (um apelido derivado de *patball*), sem passar por estágios intermediários. Gorzycka conclui que teorias construcionais são eficazes para representar fenômenos morfológicos complexos, destacando a capacidade dessas teorias de evidenciar padrões produtivos na formação de palavras, mesmo em contextos nos quais os diminutivos são inicialmente considerados improdutivos.

Em suma, a discussão sobre a múltipla sufixação com diminutivos na literatura indica que o uso de dois ou mais diminutivos tende a intensificar o sentido denotado pela base, fenômeno observado tanto em línguas românicas quanto eslavas. Além disso, as formações com múltiplos diminutivos podem adquirir significados que transcendem a simples denotação de tamanho, incluindo aspectos pragmáticos, como evidenciado no italiano.

Concordamos com Gorzycka (2020) sobre a vantagem de teorias construcionais na representação de fenômenos morfológicos complexos, em particular no que diz respeito a propriedades idiossincráticas de itens lexicais específicos, que precisam ser aprendidas palavra por palavra e que, em geral, são partes da estrutura que regras morfológicas em teorias derivacionais tendem a não representar. De modo a formalizar a representação das propriedades morfossemânticas da modificação avaliativa com duplos diminutivos no português, adotaremos uma teoria morfológica não derivacional, a Morfologia Relacional, de Jackendoff e Audring (2020), que compartilha com teorias como a Morfologia Construcional de Booij (2010) a característica de

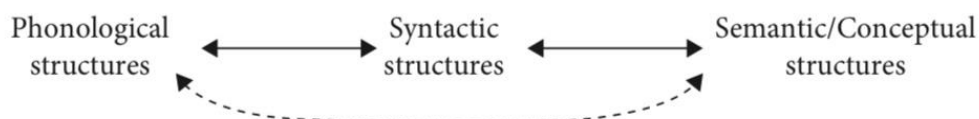
na forma, é possível interpretá-los como variantes fonéticas de um único sufixo diminutivo subjacente. Por isso, exemplos como esses nessas línguas são considerados casos de duplo diminutivo.

descrever os fenômenos linguísticos em termos de padrões declarativos, chamados de esquemas, e não em termos de regras derivacionais. Na próxima seção, apresentaremos alguns detalhes fundamentais dessa teoria.

3. Morfologia Relacional: a função dos esquemas na representação das estruturas morfológicas

A Morfologia Relacional (MR), que Jackendoff e Audring (2020) consideram uma “prima” próxima da Morfologia Construcional (Booij, 2010), é uma teoria linguística que, segundo Jackendoff e Audring (2020a, p. 1, tradução nossa⁸), “leva muito a sério o termo ‘conhecimento da linguagem’, focando na questão do que um falante armazena na memória de longo prazo e, crucialmente, em que forma”. A MR é centrada no léxico e tem como *framework* a Arquitetura Paralela, que tem como premissa integrar todos os componentes da linguagem (semântica, morfossintaxe e fonologia) de maneira que se conectem naturalmente, através do que os autores chamam de *links* de *interface* entre esses três sistemas formais. Isso implica que cada um desses componentes possui suas próprias restrições e princípios de combinação.

Figura 2 – A Arquitetura Paralela



Fonte: Jackendoff e Audring (2020b, p. 7).

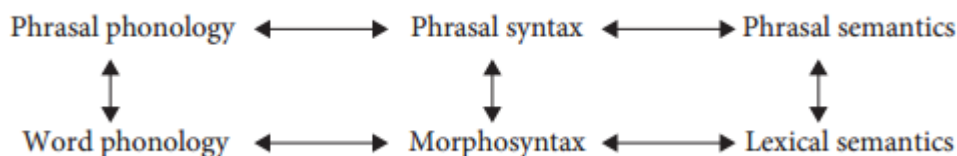
Conforme ilustrado na Figura 2, as setas bidirecionais representam correspondências entre componentes, não sendo lidas como seriais ou derivacionais. Ao analisar a Arquitetura Paralela (AP), podemos visualizar algumas de suas premissas fundamentais: a) a estrutura linguística, nesta representação, não é determinada exclusivamente pela sintaxe, ao contrário da gramática gerativa tradicional, em que a sintaxe ocupa uma posição central; e b) também não é determinada apenas

⁸ Trecho original: Relational morphology takes very seriously the term “knowledge of language,” focusing on the question of what a speaker stores in long-term memory and, crucially, in what form.

pela semântica, como proposto pela Gramática Cognitiva. Isto é, na AP, a estrutura linguística é representada por sistemas independentes que interagem através de interfaces entre eles (Jackendoff; Audring, 2020a, p. 2).

Ao analisar a Figura 2, podemos nos questionar a respeito do lugar da morfologia nessa teoria. Na Arquitetura Paralela, a morfossintaxe é considerada um componente formal independente que governa a estrutura das palavras complexas. Esse componente engloba categorias sintáticas e categorias morfossintáticas, como tempo, pessoa, número e gênero, além de constituintes internos como raízes e afixos. Esses elementos são fundamentais para compreender as interfaces horizontais entre fonologia, sintaxe e semântica, sendo que cada um desses componentes possui um subcomponente frasal e um subcomponente ao nível da palavra, conectados pelas interfaces verticais. Jackendoff e Audring (2020b, p. 19, tradução nossa⁹) afirmam que “o escopo da morfologia pode ser visto como abrangendo a morfossintaxe e suas interfaces com a sintaxe frasal, a fonologia das palavras e a semântica lexical. Naturalmente, para compreender uma interface, é necessário entender ambos os extremos do que a interface conecta”.

Figura 3 – A Morfologia na Arquitetura Paralela



Fonte: Jackendoff e Audring (2020b, p. 17)

A formalização na Morfologia Relacional ocorre por meio de esquemas declarativos, que diferem fundamentalmente das regras derivacionais. Segundo Jackendoff e Audring (2020b, p. 31), essa diferença se dá pelo fato de que

Uma teoria baseada em regras toma como garantido dois construtos independentes, um léxico e uma gramática. Em contraste, em uma teoria baseada em esquemas, palavras e esquemas são ambos compostos por partes de estrutura semântica, morfossintática e fonológica, conectados por links de interface. Assim, não há necessidade de separar os construtos teóricos de ‘léxico’ e ‘gramática’. Isso não é um mero ajuste: une os dois grandes componentes tradicionais da linguagem

⁹ Trecho original: the scope of morphology can be seen as encompassing morphosyntax plus its interfaces to phrasal syntax, word phonology, and lexical semantics. Of course, in order to understand an interface, one must understand both ends of what the interface connects.

em um só (Jackendoff, Audring, 2020b, p. 31, tradução nossa¹⁰).

Para ilustrar a formalização de esquemas, tomemos como exemplo a palavra ‘casa’. Este exemplo envolve um componente semântico que representa o significado do item lexical ‘casa’, um componente morfossintático, que determina que a classe da palavra é um nome (N), e uma estrutura fonético-fonológica, que estabelece a estrutura /ka’za/ associada à semântica e às propriedades gramaticais. Essa relação entre os três componentes é formalizada no esquema por coíndices, que representam os *links* de *interface*, ou seja, a integração dessas informações na memória de longo prazo do falante. No exemplo abaixo, essas relações são marcadas pelo coíndice 1:

(9) Semântica: [CASA]₁
 Morfossintaxe: N₁
 Fonologia: /kaza/₁

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa é analisar o comportamento morfossemântico do duplo diminutivo no português, utilizaremos a Morfologia Relacional como base teórica para formalizar esse fenômeno. Começamos com a representação de dois exemplos simples de diminutivos em português; na seção 5.4, proporemos esquemas que atendam o duplo diminutivo.

(10) a. Semântica: [DIM (CASA₁)]₃
 Morfossintaxe: [N₁ suf₂]₃
 Fonologia: /kaz₁ija_{2/3}

b. Semântica: [DIM (CASA₁); AFETIVIDADE]₃
 Morfossintaxe: [N₁ suf₂]₃
 Fonologia: /kaz₁ija_{2/3}

No exemplo (10a), o primitivo DIM atribui por *default* à palavra *casa* o valor de pequenez, indicando seu significado como diminutivo de *casa* e marcando seu tamanho reduzido em *casinha*. Por exemplo, em um contexto como “A *casinha* do cachorro está no quintal”, o uso de *casinha* simplesmente indica a semântica básica do diminutivo, uma pequena casa. No exemplo (10b), a interpretação de DIM continua presente, já que o diminutivo é inicialmente processado como algo

¹⁰ Trecho original: A rule-based theory takes for granted two independent constructs, a lexicon and a grammar. In contrast, in a schema-based theory, words and schemas are both made of pieces of semantic, morphosyntactic, and phonological structure, connected by interface links. Hence there is no need to separate the theoretical constructs of “lexicon” and “grammar.” This is not a minor tweak: it coalesces the two traditional big components of language into one.

pequeno, mas uma segunda propriedade semântica, de AFETIVIDADE, também se manifesta. Nesse caso, o contexto específico, como em “Mal posso esperar para voltar para a minha *casinha*”, adiciona um componente afetivo ao termo, o que não elimina a ideia de pequenez, mas amplia seu valor semântico. Mesmo que o foco seja a relação afetiva com o objeto, a primeira atribuição de diminutivo – relacionada à dimensão – ainda opera como base.

Em alguns casos, o diminutivo pode ser usado de maneira irônica, reforçando a atribuição de DIM, mas deslocando seu significado esperado. Um exemplo disso é a frase “Viu a *casinha* que aquele ator comprou?”, em que *casinha* se refere ironicamente a uma casa grande e luxuosa, embora o diminutivo sugira, de forma contraditória, algo pequeno. Nesse contexto, DIM ainda formaliza a ideia de pequenez, mas a interpretação depende de um contraste entre a forma e a realidade, evidenciado o conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor.

Portanto, o valor de pequenez é atribuído intuitivamente ao diminutivo, mesmo em casos de ironia ou afetividade, mas a interpretação final é mediada pelo contexto de uso.

Na seção seguinte, serão detalhados os métodos utilizados para a coleta e análise dos dados sobre o duplo diminutivo. Serão descritos os procedimentos de busca e seleção em *corpora* eletrônicos, assim como a filtragem dos exemplos para validar as hipóteses teóricas discutidas e oferecer uma compreensão empírica do fenômeno em contextos reais de uso da língua.

4. Procedimentos metodológicos da pesquisa

A metodologia empregada na pesquisa baseou-se na coleta de dados por meio da busca em dois *corpora* eletrônicos: o *Corpus do Português: NOW* (Davies, 2018) e o *Corpus do Português: Web/Dialects* (Davies, 2016). Ambos os *corpora* abrangem aproximadamente 1 bilhão de palavras provenientes de quatro países de língua portuguesa – Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Esses *corpora* são constituídos por textos oriundos de diversas fontes, como jornais eletrônicos, sites da internet e blogues.

A pesquisa em *corpus* objetivou identificar as ocorrências de formações com o duplo diminutivo, na mesma linha da pesquisa realizada por Manova e Winternitz (2011) em estudos anteriores sobre as línguas polonesa e búlgara. Essas autoras conduziram análises comparáveis em consultas a dicionários e *corpora* dessas línguas, buscando compreender a ocorrência e os padrões dos diminutivos duplos (e múltiplos), como vimos na seção 2.1.

Inicialmente, utilizou-se uma sintaxe de busca categorizada como **inh*zinh**, a qual foi

aplicada na barra de pesquisa em cada *corpus*. Essa construção com os asteriscos tem como finalidade representar variáveis que podem abranger sequências de letras possíveis que ocorram antes ou depois da sequência determinada em questão.

Para a sintaxe do duplo diminutivo selecionada, obteve-se os seguintes resultados na primeira busca efetuada no *corpus NOW*, em que foram identificados um total de 56 *types* (formas distintas) e 844 *tokens* (ocorrências individuais) contendo **inh*zinh** em sua formação. Esses resultados são comparados com os obtidos no *corpus Web/Dialects*, que apresentou 129 *types* e 655 *tokens*, conforme ilustrado na tabela a seguir.

Tabela 1 – Distribuição de *Types* e *Tokens* em resultados com **inh*zinh**

	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
<i>Corpus Now</i>	56	844
<i>Corpus Web/Dialects</i>	129	665

Fonte: Elaborada pelos autores

A partir das listas extraídas, contendo todos os resultados de ambos os corpora, e considerando que a sequência aplicada na busca lista todas as palavras que possuem *-inh* e *-zinh* em sua formação, procedeu-se à exclusão manual dos resultados cuja formação com o duplo diminutivo não era considerada transparente. Exemplos desses resultados excluídos incluem *caminhãozinho*, *vinhozinho* e *sinhazinha*, que evidentemente não possuem nenhum sentido relativo ao duplo diminutivo. Resultados envolvendo nomes próprios, como *Paulinhozinho*, também foram eliminados, pois, embora exemplifiquem a transparência do uso do duplo diminutivo, suas propriedades semânticas estão intrinsecamente relacionadas à semântica particular dos nomes próprios, que não são foco do presente trabalho. Realizado esse recorte inicial, no *corpus Web/Dialects*, foram excluídos 96 dos 129 dados, e, da mesma forma, no *corpus NOW*, 51 dos 56 dados foram excluídos. Após essa etapa, a soma dos dados considerados transparentes resultou em um total de 40 *types* compreendendo o fenômeno do duplo diminutivo, caracterizado pela utilização simultânea de dois sufixos diminutivos em sua formação. Assim, os 40 resultados foram

selecionados para análise em nossa pesquisa.

5. Apresentação e discussão dos dados

Nesta seção, investigaremos as ocorrências de duplo diminutivo, conforme identificadas nos resultados obtidos através do *Corpus do Português*. Ao verificarmos essas ocorrências em seus contextos de uso, revelaram-se padrões consistentes na formação morfológica e semântica dos diminutivos em língua portuguesa, que serão apresentados a seguir.

5.1 Produtividade

A produtividade, em especial para a linguística de *corpus*, é avaliada pela manifestação de padrões linguísticos em extensos conjuntos de dados textuais. Nesse contexto, valemo-nos da distinção entre frequência de *types* e frequência de *tokens* ao analisar as ocorrências observadas no *Corpus do Português*. Para Bauer (2001), a frequência de *types* refere-se ao número de diferentes itens ou palavras que contêm um determinado elemento linguístico, contabilizando cada item uma única vez. Em contraste, a frequência de *tokens* diz respeito ao número total de ocorrências desse elemento em um texto, somando-se todas as repetições.

Ao conduzir a análise do duplo diminutivo nos *corpora*, observamos que aproximadamente 31 das 40 palavras obtidas são casos de *hapax legomena*¹¹. Esse elevado número de *hapax legomena* é significativo, pois, segundo Bauer (2001), é indicativo de produtividade. A presença dessas ocorrências únicas indica que o processo de formação de palavras (neste caso, o uso do duplo diminutivo), é ativo no uso real da língua. Exemplos dessas formações incluem *ajudinhazinha*, *creminhozinho*, *comecinhozinho*, *pedacinhozinho* e *fofinhozinho*. Embora essas formações ocorram apenas uma vez no *corpus*, isso é particularmente relevante, pois termos não institucionalizados, como as palavras sufixadas pelo duplo diminutivo, evidenciam a capacidade dos falantes de utilizar essas formações sufixadas recursivamente, tornando o processo produtivo ao permitir a criação de novas ocorrências.

¹¹ O termo *hapax legomena* refere-se às palavras que ocorrem apenas uma vez em um *corpus*.

5.2 Padrões de combinação na formação do duplo diminutivo

Na análise das 40 palavras extraídas dos *corpora*, observou-se que a seleção dos sufixos diminutivos segue regras específicas e uma sequência linear, conforme já descrito por Armelin (2011). O sufixo *-inho* é predominantemente usado para diminutivos primários (DIM1), enquanto *-zinho* é reservado para diminutivos secundários (DIM2). Das 40 palavras analisadas, 20 foram formadas com *-inho* como DIM1 e *-zinho* como DIM2. Esse padrão também se aplica a diminutivos com terminação *-a*, como *-inha* (DIM1) e *-zinha* (DIM2), observados em 14 palavras. A utilização inversa, com *-zinho* em DIM1 e *-inho* em DIM2, não foi observada, mesmo em diminutivos terminados em *-a*. Algumas palavras apresentaram *-zinha* ou *-zinho* como DIM1 e DIM2, e até mesmo como DIM3 (ex. *pouquinhozinho*), refletindo o fenômeno do múltiplo diminutivo associado à repetição do sufixo utilizado em DIM2 (Manova; Winternitz, 2011). Não foram encontrados casos de combinações como *???-inhazinho* ou *???-inhozinha*, como esperado.

Para analisar as classes de palavras das bases às quais os sufixos diminutivos se anexam nas ocorrências consequentes da pesquisa em *corpus*, identificamos cada palavra e determinamos sua classe gramatical. A verificação indica que a maioria dos termos que apresentam o fenômeno do duplo diminutivo são substantivos (34 resultados, como *chuvinhazinha*), seguidos por um número menor de adjetivos (5 resultados, como *miudinhazinha*). Apenas um exemplo de pronome foi encontrado (*euzinhazinha*). Nos *corpora* examinados, substantivos e adjetivos são as classes mais produtivas para a formação de duplo diminutivo, embora o diminutivo simples possa ser aplicado a outras classes gramaticais¹², que, exceto por um único caso de pronome, não foram encontradas nestes resultados.

5.3 Aspectos semânticos do duplo diminutivo

Na análise semântica do duplo diminutivo, assim como no caso de um único diminutivo, é importante destacar, conforme apontado na literatura revisada na seção de fundamentação teórica, que a significação dessas formações não se restringe à noção de pequenez. Para demonstrar os diferentes usos contextuais do duplo diminutivo, realizamos uma análise qualitativa de dez

¹² Cunha e Cintra (2017) consideram que diminutivos também se juntam a advérbios e outras palavras invariáveis. Armelin (2011) ainda afirma que diminutivos podem se anexar à forma gerundiva dos verbos, como *correndo* → *correndinho*.

contextos distintos extraídos dos *corpora*. Os resultados dessa análise qualitativa estão sistematizados nas Tabelas 2, 3 e 4 abaixo, que apresentam os dez contextos selecionados juntamente com suas respectivas interpretações semânticas de cada entrada do sufixo.

Tabela 2 – Exemplos e análises semânticas do duplo diminutivo em *corpora* da língua portuguesa

Exemplo	Palavra com duplo diminutivo	Interpretação (DIM1)	Interpretação (DIM2)
“Um dicionário tem o karma auto-imposto de não perder de vista o universo total da língua, e de não poder ter uma letrinhazinha fora do lugar.”	Letrinhazinha	Exatidão	Intensifica DIM1
“O show Bolerinhozinho, criado pelas musicistas e cantoras Luisa Toller, Maria Bastos e Marina Bastos, apresenta um repertório com canções inéditas combinado com músicas consagradas que marcaram muitas infâncias.”	Bolerinhozinho	Afetividade	Intensifica DIM1
“[...] o mesmo amarelo habitual fazendo o caminho de volta passando por o quase-branco-amarelado-, amarelinhozinho e amarelinho.”	amarelinhozinho	Atenuação	Intensifica DIM1
“são poucos que seguem o meu! Vai ver que o meu é um bloguinhozinho velho fuleiro que não serve pra nada!”	bloguinhozinho	Depreciação	Intensifica DIM1

Fonte: Elaborada pelos autores

Conforme demonstrado pelos exemplos fornecidos na Tabela 2, esta primeira análise confirma que DIM2 intensifica o sentido do primeiro diminutivo, e que este, por sua vez, apresenta valores semânticos distintos da noção básica de pequenez. Por exemplo, em *letrinhazinha* (contexto de um dicionário), o duplo diminutivo intensifica a noção de exatidão já implicada pelo primeiro diminutivo, marcando a meticulosidade dos detalhes na definição precisa de cada palavra. Em *Bolerinhozinho* (contexto de um espetáculo musical), o uso do primeiro diminutivo reflete a escolha lexical que expressa a afetividade das musicistas em relação ao espetáculo. O segundo diminutivo, por sua vez, parece intensificar ainda mais essa familiaridade associada ao repertório apresentado. Já em *amarelinhozinho* (contexto de descrição de cores), o duplo diminutivo intensifica a atenuação da tonalidade da cor, buscando descrever um tom de amarelo mais claro. E no exemplo no qual *bloguinhozinho* é utilizado, o primeiro diminutivo em *bloguinho*, no contexto analisado, já sugere uma redução de importância ou relevância do blog, transmitindo uma avaliação negativa por parte

do autor. Quando o segundo diminutivo *-zinho* é adicionado, essa avaliação é intensificada, levando a uma clara expressão de depreciação.

Embora a Tabela 2 tenha observado o sentido de intensificação pelo DIM2, evidências adicionais indicam que esse não é o único efeito semântico da utilização do duplo diminutivo. Outros resultados encontrados na busca em *corpus* contradizem a ideia de que o DIM2 simplesmente intensifica o DIM1 sem atribuir um novo valor semântico. Os resultados apresentados na Tabela 3 revelam que o DIM2 pode, efetivamente, introduzir uma nova noção semântica na formação:

Tabela 3 – Exemplos e análises semânticas do duplo diminutivo em *corpora* da língua portuguesa

Exemplo	Palavra com duplo diminutivo	Interpretação (DIM1)	Interpretação (DIM2)
“Meu poeta, eu hoje estou contente, todo mundo de repente ficou lindo de morrer. Eu hoje estou me rindo, nem eu mesma sei de quê, porque eu recebi uma cartinhazinha de você”	cartinhazinha	Tamanho pequeno	Afetividade
“Já bebi essa latinhazinha e acabou muito rápido!”	latinhazinha	Tamanho pequeno	Depreciação
“Vamos ver se consigo agora responder seu questionário, porque afinal, também quero participar e ganhar este tal presentinhozinho.”	presentinhozinho	Tamanho pequeno	Afetividade

Fonte: Elaborada pelos autores

A análise da Tabela 3, considerando contextos diversos como uma canção musical (*cartinhazinha*), um comentário sobre redução de embalagens (*latinhazinha*) e um comentário em blog (*presentinhozinho*), mostra como o segundo diminutivo introduz novas interpretações semânticas, diferentes das atribuídas pelo DIM1. Em *cartinhazinha* e *presentinhozinho*, o primeiro diminutivo denota tamanho pequeno, conforme esperado, enquanto o segundo introduz um valor semântico de afetividade, ressaltando a expressão emocional tanto pela carta quanto pelo presente. Já em *latinhazinha*, o primeiro diminutivo também denota tamanho pequeno, conforme esperado pelo contexto, enquanto o segundo diminutivo adiciona depreciação, sugerindo que o conteúdo da lata foi consumido rapidamente e sem grande apreço. Evidência disso é o fato de o diminutivo poder ser substituído pela expressão “pequeno x”, mantendo o sentido da frase: p. ex., “Já bebi essa pequena lata/latinha e acabou muito rápido”, sublinhando que o segundo diminutivo confere uma interpretação adicional, sem modificar a ideia de tamanho reduzido já expressa pelo primeiro.

Outro sentido encontrado nas análises dos dados do *corpus* foi o das palavras que possuem,

em sua base, a denotação de dimensão reduzida. Observemos a Tabela 4:

Tabela 4 – Exemplos e análises semânticas do duplo diminutivo em *corpora* da língua portuguesa

Exemplo	Palavra com duplo diminutivo	Interpretação (DIM1)	Interpretação (DIM2)
“[...] leve 200g de pasta de figo, 3 claras em neve, batidas com uma pitadinhazinha de sal. Faça um creme inglês com as gemas, o açúcar, o leite [...]”	pitadinhazinha	Tamanho pequeno	Intensifica DIM1
“Mas faltava um pormenorzinho. O Rosenberg exigia garantias bancárias para que o negócio fosse concluído.”	pormenorzinho	Tamanho pequeno	Intensifica DIM1
“o homem, era chegado em uns bons drinks e acabou exagerando um pouquinho, antes de tomar aquele banho de rio.”	pouquinho	Tamanho pequeno	Intensifica DIM1

Fonte: Elaborada pelos autores

Na Tabela 4, observa-se que em *pitadinhazinha* (contexto de receita culinária), *pormenorzinho* (contexto de uma negociação) e *pouquinho* (contexto de consumo de bebidas), o primeiro diminutivo indica uma pequena quantidade de sal, um pequeno detalhe e uma quantidade pequena de bebida, respectivamente, enquanto o segundo diminutivo intensifica ainda mais essa noção de pequenez. Portanto, concluímos que há uma conservação da dimensão estabelecida pelo primeiro diminutivo, que dá continuidade à progressão de pequeno, diminuindo a cada diminutivo adicionado¹³.

Dentro dos contextos dos exemplos discutidos, a utilização dessa estrutura morfológica, conforme debatido por Rio-Torto (2022) em seu estudo sobre o diminutivo *-inho* no português, revela uma ampla gama de usos. Esses usos são condicionados por variáveis como a natureza da base, entoação, intensidade elocutiva, intenção comunicativa, valor avaliativo, registro (formal, informal, irônico) e contexto situacional. Tal abordagem destaca a importância de considerar o contexto e os fatores comunicativos ao interpretar o uso desses diminutivos na língua, o que é um processo “de natureza inerentemente subjetiva” (Bazenga, 2012, p. 116).

¹³ Esta análise já foi utilizada anteriormente para desafiar o modelo polissêmico de Jurafsky (1996), que associa o diminutivo primariamente à referência a crianças.

5.4 Esquemas para a representação morfossemântica do duplo diminutivo

Iniciaremos essa seção com a formalização do esquema geral do duplo diminutivo no português, expressando o paralelismo entre as formações com DIM1 e DIM2 – p. ex., *pitadinhazinha*, *letrinhazinha*, *cartinhazinha* – e as propriedades gerais do processo:

- (11) Semântica: [INT ([DIM (X_j)])]_i
 Morfossintaxe: [N N_j suf₂ suf₃]_i
 Fonologia: /..._j (z)ij₁[VT]₂ zij₁[VT]₃/_i

O esquema geral em (11) pode ser interpretado informalmente da seguinte maneira: um nome¹⁴ terminado em *-(z)inh(a/o)zinh(a/o)* pode significar a intensificação do valor do diminutivo atribuído a X, sendo que X representa a semântica da base. Como o presente trabalho tem o objetivo principal de discutir aspectos morfossemânticos da sufixação com duplo diminutivo, a representação fonológica apresenta simplificações evidentes, como a possibilidade de *-zinh-* em DIM1, formalizada por parênteses, e a variável da vogal temática, [VT], que depende do tema da base.¹⁵ O que gostaríamos de destacar no esquema geral em (11) são os índices de interface entre as estruturas morfossintática e semântica. Além do índice _i, que estabelece o link relacional de todas as estruturas, temos o índice _j, que associa a semântica X da base à morfossintaxe N e ao conteúdo fonológico (...), marcando um *link* relacional para qualquer nome que apresente o mesmo padrão nessa estrutura. O predicado DIM toma como argumento a semântica X, modificando a denotação do nome com a noção básica associada ao diminutivo. Por sua vez, essa estrutura é argumento do predicado INT, relativo à intensificação, que atua como um intensificador semântico. O esquema em (12) abaixo mostra a entrada lexical plenamente especificada da palavra *pitadinhazinha*:

- (12) Semântica: [INT ([DIM (PITADA₄)])]₅

¹⁴ Propomos um esquema geral que considera a categoria “nome” na morfossintaxe, pois os resultados obtidos mostram maior incidência de duplo diminutivo em substantivos. No entanto, a categoria “nome” é aqui generalizada para incluir tanto substantivos quanto adjetivos, devido à observação de comportamentos morfológicos e semânticos similares entre essas classes gramaticais nos *corpora* analisados. Por essa razão, limitamo-nos a adotar essa representação no esquema em (11) para a formalização das propriedades gerais do duplo diminutivo.

¹⁵ Em bases atemáticas (p. ex., *sol*, *flor*, *professor*), a forma resultante da sufixação com o diminutivo apresenta a vogal -a para bases de gênero feminino e -o para o masculino. No presente trabalho, deixaremos de lado os detalhes técnicos de implementação desse processo morfofonológico.

Morfossintaxe: [_N N₄ suf₂ suf₃]₅
 Fonologia: /pitad₃₄ iɲa₂ ziɲa_{3/5}

Como vimos na seção 5.3, alguns usos do diminutivo simples apresentam especializações de significado, com noções semânticas que vão além do sentido básico de pequenez. Por exemplo, em nossa análise semântico-pragmática, o DIM2 em *letrinhazinha* atuaria como um intensificador semântico da noção de exatidão já presente na modificação com DIM1. A entrada lexical em (13) dá conta dessa interação entre a semântica de DIM1 e DIM2 na formação dessa palavra:

(13) Semântica: [INT ([DIM (LETRA₈); PRECISÃO])]₉
 Morfossintaxe: [_N N₈ suf₂ suf₃]₉
 Fonologia: /letr₈ iɲa₂ ziɲa_{3/9}

Por sua vez, em casos em que DIM2 introduz novos sentidos na formação, como sugere a análise de casos como *cartinhazinha* e *presentinhozinho*, discutidos na seção 5.3, a representação léxico-semântica de noções como “afetividade” presentes nesses exemplos está associada ao predicado INT, e não a DIM, como vemos em (14):

(14) Semântica: [INT ([DIM (CARTA₆))]; AFETIVIDADE]₇
 Morfossintaxe: [_N N₆ suf₂ suf₃]₇
 Fonologia: /kart₆ iɲa₂ ziɲa_{3/7}

Nos esquemas relacionais apresentados acima, a interação entre os predicados DIM e INT permite capturar não apenas o sentido básico de intensificação da noção semântica introduzida por DIM1, mas também as nuances semânticas adicionais que emergem em formações específicas. As estruturas propostas oferecem uma representação elegante e flexível, capaz de acomodar tanto os casos mais regulares quanto aqueles que apresentam especializações de significado. Esta abordagem, fundamentada na Morfologia Relacional, permite formalizar as variações semânticas e pragmáticas que surgem na formação de palavras como *pitadinhazinha* e *letrinhazinha*, evidenciando as modificações semânticas e os efeitos contextuais associados a esses diminutivos, aspectos que seriam difíceis de serem capturados em teorias morfológicas derivacionais.

6. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi contribuir com uma análise descritiva do comportamento

morfológico e semântico das construções com duplo diminutivo em português. Mais especificamente, com base em uma pesquisa de *corpus*, exploramos a hipótese inicial de que DIM2 teria meramente a função de intensificar a modificação semântica do primeiro diminutivo DIM1. Nosso estudo mostrou que, além da intensificação, o duplo diminutivo pode implicar novos valores semânticos, dependendo do contexto em que é utilizado.

A postulação de esquemas no âmbito da Morfologia Relacional revelou-se particularmente eficaz na representação das complexidades semânticas e estruturais do duplo diminutivo no português. Esta abordagem permitiu capturar não apenas os aspectos formais da construção, compartilhados por todas as ocorrências, mas também as sutilezas semânticas e as relações entre os diferentes níveis linguísticos envolvidos. Acreditamos que a análise apresentada neste trabalho pode servir como modelo para investigações futuras sobre o duplo diminutivo em diferentes línguas.

Referências

- ARMELIN, P. R. G. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=319&lang=pt>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- BASILIO, M. Estruturas Lexicais do Português. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, M. Formação e classes de palavras no português do Brasil. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- BAUER, L. Morphological productivity. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BAZENGA, A. M. Sufixos avaliativos -inh- / -zinh- em português: da morfologia à pragmática da ironia verbal. *Pensardiverso*, Madeira, n. 3, p. 115-130, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.13/1729>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, 26:1, pp. 59-85. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502010000100003>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- BOOIJ, G. Construction Morphology. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- DAVIES, M. Corpus do Português: Web/Dialects. 2016. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- DAVIES, M. Corpus do Português: NOW. 2018. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- DRESSLER, W. U.; BARBARESI, L. M. Diminutives and Intensifiers in Italian, German, and Other Languages. Berlim: Mouton de Gruyter, 1994.
- GORZYCKA, D. Diminutive Constructions in English. Berlim: Peter Lang, 2020.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology: A Cousin of Construction Grammar. *Frontiers In Psychology*. p. 1-12. set. 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02241>. Acesso em: 02 ago. 2024.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020b.

JURAFSKY, D. Universal Tendencies in the Semantics of the Diminutive. *Language*, v. 72, n. 3, p. 533-578, 1996.

LEE, S. H. Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2013.v0n0a4009>. Acesso em: 02 ago. 2024.

MANOVA, S.; WINTERNITZ, K. Suffix order in double and multiple diminutives: with data from Polish and Bulgarian. *Studies In Polish Linguistics*, n. 6, p. 115-138, 2011. Disponível em: <https://ejournals.eu/en/journal/studies-in-polish-linguistics/article/suffix-order-in-double-and-multiple-diminutives-with-data-from-polish-and-bulgarian>. Acesso em: 02 ago. 2024.

MENUZZI, S. *On The Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Ms. HIL/University of Leiden, 1993.

RIO-TORTO, G. Valores e usos do diminutivo -inho no Português Europeu e no Português do Brasil. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, Porto*, v. 2, n. Especial, p. 29-51, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/103901>. Acesso em: 02 ago. 2024.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & FCT, 1994.
